

ENTREVISTA – RUTH HELENA CRISTO ALMEIDA - UFRA/ISARH/GERAR-CNPQ

Doutora em Ciências Agrárias pela Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA (2013), com tese voltada para as relações entre empresas de Biocosméticos e Comunidades Rurais. Mestra em Sociologia Geral pela Universidade Federal do Pará - UFPA (2005), Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais pela UFPA (2002). Atualmente, é professora da UFRA, lotada no Instituto Socioambiental e dos Recursos Hídricos (ISARH), ministra aula das disciplinas Sociologia Rural, Extensão Rural e Relações Étnico Raciais. É docente colaboradora do Programa de Pós-Graduação Diversidade Socioambiental (PPGDS/MPEG). Foi Coordenadora Adjunta do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica da UFRA (PARFOR/UFRA), além de Coordenadora do curso de Licenciatura em Pedagogia do PARFOR/UFRA. Coordenou a Rede Nacional de Formação Continuada (RENAFOR/UFRA), instalou e coordenou o Núcleo de Inovação e Transferência Tecnológica (NITT/UFRA). Compõe, como especialista Social, a Comissão de Acompanhamento e Avaliação do contrato de Gestão celebrado entre o Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). Lidera o Grupo de Pesquisa em Relações de Gênero e Ruralidades Amazônicas (GERAR/CNPq). Possui experiência na área de Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: relações de gênero, agricultura familiar, relação empresas e comunidades, unidades de conservação e conflitos sociais.



Informações coletadas do Lattes em 02/02/2024.

RCGA – Fale do início de suas atividades na UFRA (ou antes dela), e um pouco de sua vida profissional na área de estudos ISARH - Instituto Socioambiental e dos Recursos Hídricos.

RHCA – Minha trajetória acadêmica começa na Universidade Federal do Pará (UFPA), onde me graduei em Ciências Sociais, tanto bacharelado quanto licenciatura. Desde esse período, já havia um interesse forte pelas temáticas socioambientais e pelas dinâmicas rurais da Amazônia. Ao ingressar no mestrado em Sociologia Geral (UFPA), aprofundei essas discussões e, mais tarde, no doutorado em Ciências Agrárias pela Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), consolidei meu percurso de pesquisa articulando sociologia, desenvolvimento rural e relações entre empresas e comunidades. Iniciei minhas atividades docentes na UFRA atuando no Instituto Socioambiental e dos Recursos Hídricos (ISARH), onde hoje ministro disciplinas como Sociologia Rural, Extensão Rural e Relações Étnico-Raciais.

RCGA – Nessa área do ensino, quando e como você começou a desenvolver o interesse pelos estudos sobre a questão da mulher e as teorias de gênero?

RHCA – O interesse pelos estudos sobre a questão da mulher e as teorias de gênero surgiu durante minha vivência acadêmica ainda na graduação quando tive contato com o GEPEM, que foi essen-

cial para entrar neste mundo, para além da participação de eventos como a REDOR. Profissionalmente, em contato com as populações em contextos rurais amazônicos, ao observar o cotidiano de mulheres agricultoras, extrativistas e lideranças comunitárias, percebi lacunas importantes na análise sociológica tradicional. Esse contato direto com desigualdades concretas, associado ao diálogo com teorias feministas e estudos rurais, levou-me a incorporar gênero como categoria central de análise.

RCGA – Sua inserção em outros grupos de estudos na área socioambiental e Recursos Hídricos lhe forneceram interesse para incluir questões relativas à situação de gênero?

RHCA – Minha participação em grupos de estudo e pesquisa na área socioambiental ampliou a compreensão sobre os conflitos territoriais, a gestão dos recursos naturais e a diversidade social na Amazônia. Esses espaços colaborativos contribuíram para que eu percebesse a necessidade de inserir recortes de gênero e raça nas análises sobre recursos hídricos, unidades de conservação e agricultura familiar.

RCGA – Quais as principais linhas de estudo nas Teorias Socioambientais Aplicadas a Recursos Hídricos integradas a desenvolver a interrelação com as questões de gênero?

RHCA – Trabalho com abordagens que tratam os recursos hídricos como elementos estruturantes das formas sociais de organização. Isso envolve temas como conflitos socioambientais, participação social nos processos de gestão, impactos diferenciados por gênero e raça, e a relação entre comunidades rurais e políticas públicas ambientais. O enfoque de gênero permite evidenciar desigualdades na divisão do trabalho, no acesso desigual a recursos e na participação política.

RCGA – Quais as principais correntes que você tem estudado nessa teoria?

RHCA – Minha produção dialoga com a sociologia rural, feminismos latino-americanos, teorias críticas sobre desenvolvimento, estudos decoloniais e literatura sobre socioambientalismo. Essas perspectivas ajudam a compreender como marcadores sociais estruturam a apropriação dos recursos naturais e condicionam a atuação de mulheres em territórios amazônicos.

RCGA – Você considera importante a inserção desse conceito nos estudos atuais ao tratar de diversidade social (e marcadores sociais) e a conexão com as demais áreas das ciências agrárias de um modo geral?

RHCA – Sim, considero essencial. As ciências agrárias não podem se limitar aos aspectos técnico-produtivos, pois estão profundamente atravessadas por relações sociais e culturais. Incluir gênero, raça, ruralidade e outros marcadores na análise permite produzir pesquisas mais completas, contextualizadas e sensíveis à realidade dos povos da Amazônia. Isso contribui para políticas públicas mais eficazes e socialmente justas.

RCGA – Há autores que você utiliza nesses estudos relacionais entre recursos hídrico, gênero e feminismo? E qual a motivação para criar o Grupo de Pesquisa em Relações de Gênero e Ruralidades Amazônicas (GERAR/CNPq)?

RHCA – Entre os referenciais que utilizo estão autoras feministas latino-americanas, teóricas do ecofeminismo, estudos sobre interseccionalidade e pesquisas amazônicas em gênero e sociobiodiversidade. A motivação para criar o Grupo de Pesquisa em Relações de Gênero e Ruralidades Amazônicas (GERAR/CNPq) surgiu da necessidade de consolidar, na UFRA, um espaço institucional



que articulasse pesquisa, extensão e formação, voltado a compreender a experiência das mulheres rurais e as múltiplas ruralidades existentes na região.

RCGA – Considerando sua contribuição na pesquisa no Norte e, pode-se dizer, brasileira sobre gênero e a área que você abraçou, quais os trabalhos que você considera importantes nas discussões sobre a diversidade social?

RHCA – Minhas contribuições se situam principalmente nas interfaces entre relações de gênero, agricultura familiar, empresas-comunidades, unidades de conservação e conflitos sociais. O estudo que realizei sobre empresas de biocosméticos e comunidades rurais, por exemplo, trouxe elementos relevantes para compreender como mercados “verdes” impactam modos de vida e relações de trabalho, especialmente de mulheres. De modo geral, considero importante qualquer produção que amplie a visibilidade da diversidade social e das desigualdades persistentes no campo amazônico.

RCGA – No seu ponto de vista, há avanços da mudança de olhar a nova situação da orientação sexual de brasileiros/as e a racialidade e as especificidades teórico-críticas de sua área de estudos?

RHCA – Percebo que há avanços significativos, especialmente no reconhecimento institucional dessas pautas e na ampliação de pesquisas com recorte de gênero, raça e diversidade sexual dentro das ciências agrárias e socioambientais. Entretanto, ainda enfrentamos desafios, como resistências culturais, desigualdades estruturais e a necessidade de fortalecer perspectivas críticas e interseccionais. Esses temas são fundamentais para compreender as novas configurações sociais e os conflitos que atravessam a Amazônia rural.

